

12 SETECIDADES

Pesquisa com embriões deve continuar?

STF abre audiência pública para revisar polêmico item da Lei da Biossegurança

Isis Mastromano Correia
Especial para o Diário

O estudo de células-tronco embrionárias é permitido no Brasil desde 2005. No entanto, em

20 de abril, ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) abriram uma audiência pública para revisar o polêmico item da Lei de Biossegurança e tentar entender quando a vida começa. Cientistas de todo o

País expuseram argumentos contrários e favoráveis à extração das células de embriões.

As discussões podem mudar o rumo das normas e, assim, a permissão do uso de embriões congelados há mais de três

anos para pesquisas pode deixar de existir no Brasil para dar lugar ao de células-tronco adultas, retiradas de órgãos como o cordão umbilical, por exemplo.

O Diário ouviu duas das es-

tudiosas que participaram da discussão em Brasília. A professora da UFRS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e diretora-presidente do Instituto de Pesquisa com Células-Tronco, Patricia Pranke, favo-

rável ao uso das células embrionárias, e a professora do Departamento de Biologia Celular da UnB (Universidade de Brasília), Lenise Garcia, com pensamento oposto. Leia abaixo suas defesas. ▲

'Sou a favor de usar embriões excedentes'

DIÁRIO - Quando a vida começa?

PATRICIA PRANKE - Na realidade, essa é uma pergunta muito difícil de responder. Acho que quando fizemos a audiência pública em Brasília, tentamos não ficar muito nessa discussão, pois pelo menos nos próximos anos, será impossível chegar a um consenso. O que existe são pessoas que acreditam em determinadas teorias. Uma corrente acredita que seja a partir do primeiro dia da fecundação, é a corrente, por exemplo, da religião católica. Outras correntes acreditam que não se pode dar status de ser humano para o embrião congelado, uma vez que nunca foi colocado no útero. Tem uma terceira linha, que diz que se a morte dos neurônios é considerada o marco final da existência humana, o início deveria ser o aparecimento das primeiras células nervosas e isso só começa a acontecer no embrião depois de duas semanas.

DIÁRIO - A senhora é a favor do estudo com células-tronco embrionárias?

PATRICIA - Com certeza, sou absolutamente a favor.

DIÁRIO - O que está em discussão é se vai ou não continuar em vigor a permissão do uso de células-tronco de embriões?

PATRICIA - Sim. O procurador-geral da República, logo depois que saiu a lei, entrou com uma Adin (Ação Direta de Inconstitucionalidade) questionando esse artigo da Lei de Biossegurança. A gente pede para que essa cláusula não mude. Seria um retrocesso.

DIÁRIO - Cientistas que hoje trabalham com as células embrionárias terão de aguardar um prazo até que os ministros determinem o que pode ou não ser feito?

PATRICIA - Por enquanto, não temos de aguardar nada, a lei continua vigente e podemos continuar trabalhando. Provavelmente até junho vai sair a resposta do STF, mas a lei continua a nosso favor.

DIÁRIO - Porque é necessário utilizar as células-tronco embrionárias?

PATRICIA - A gente precisa estudar mais, pesquisar. Ninguém está dizendo que vai sair colocando essas células em pacientes amanhã. Se a gente estudar, saberemos a real potencialidade das células. Todas as células são importantes. Ninguém está aqui dizendo que a adulta não é im-



Patricia Pranke acredita que a proibição das pesquisas seria um retrocesso

portante. Eu trabalho com células-tronco de cordão umbilical, que são importantíssimas, só que diferentes. Algumas podem ser melhor para algumas doenças, outras para outras. É importante a gente ter a capacidade de estudar todas para averiguar se vai ser possível aplicá-las.

DIÁRIO - A única forma de obter os embriões para retirada de suas células-tronco é pelas clínicas de fertilização?

PATRICIA - A forma mais ética de se conseguir os embriões é pelas clínicas de fertilização porque ninguém quer sair produzindo embrião para isso. Queremos usar embriões que já foram produzidos e são excedentes. Outra forma de obter seria produzir em-

bríões, mas somos contra. A gente só quer usar o que sobrou e será descartado.

DIÁRIO - Porque admite-se descartar os embriões e não utilizá-los para estudo?

PATRICIA - Na realidade, a lei não diz que pode ser descartado, manda que fique congelados. Mas sabemos que isso não acontece, não tem como deixarem congelados para sempre. Na realidade não tem lei, é uma resolução que diz respeito à reprodução assistida.

DIÁRIO - O Brasil está atrasado nos estudos de células-tronco embrionárias?

PATRICIA - Sim, outros países estão a mais tempo trabalhando e já resolveram as questões legais. ▲

'Sou católica, mas o argumento é científico'

DIÁRIO - Quando a vida humana começa de fato?

LENISE GARCIA - Na fecundação. A grande pergunta que os ministros fizeram foi quando começa a vida humana. A resposta que meu grupo deu foi a fecundação. O interessante é que o outro grupo não tinha uma resposta. Houve quem disse que era insolúvel falar quando começa a vida humana. Como a biologia pode não ter essa resposta? É claro que tem. Acontece que se você não quer aceitar que a resposta seja a fecundação, de fato, você não encontra nenhum outro momento em que haja um evento que mostre isso, quando a vida começa.

DIÁRIO - Porque a senhora é contra o uso de células-tronco embrionárias?

LENISE - Porque são vidas humanas, que, embora ainda em estágio embrionário, acredito que tenham seus direitos, que não podem ser usadas como um material biológico qualquer.

DIÁRIO - A senhora baseia sua posição na ciência, mas há influência de alguma vertente religiosa em seu pensamento?

LENISE - Sou católica, mas acho que a perspectiva religiosa influi na motivação, não no argumento, que é totalmente científico.

DIÁRIO - Qual o reflexo dessas discussões com o Supremo Tribunal Federal na



Lenise Garcia luta pela proibição das pesquisas com células embrionárias

atual Lei de Biossegurança que permite estudos com células de embriões congelados há mais de três anos?

LENISE - Os ministros terão de dar uma resposta, positiva ou negativa, dizer se esse artigo da lei é inconstitucional ou não. Não existe nenhuma razão biológica para esse prazo determinado de três anos, pois já nasceram crianças de embriões congelados há 13 anos.

DIÁRIO - Admite-se, de fato, descartar embriões congelados, mas não admite-se usá-los para estudo?

LENISE - Temos um vácuo legal, pois a reprodução assistida não tem lei no Brasil. Quanto ao destino dos embriões, não tem nada a respeito. Informalmente, pode ter embrião sendo

descartado e embriões que não tenham três anos sendo usados para pesquisa. Essa área da informalidade é uma das que mais me preocupam com relação a continuidade dessa permissão. A partir da concessão do uso do embrião, pode existir um mercado paralelo muito sério. Embora a lei proíba a comercialização, a gente sabe que isso acontecerá, pois a fiscalização é difícil.

DIÁRIO - Esse item da lei deveria estar redigido de que maneira?

LENISE - A meu ver, nem deveria haver a pesquisa com embriões. Esse artigo deveria ser eliminado para permitir a pesquisa somente com células-tronco adultas, que, aliás são as únicas que até hoje deram resultado. Uma novidade foi descobrir que há células-tronco no líquido amniótico com características muito próximas das embrionárias. Em outros países, têm cientistas estudando as células embrionárias desde 1998 sem nenhum caso de sucesso terapêutico. Porque essas células ainda não foram colocadas em humanos? Por que não é seguro. Ainda não há dados nem em animais com as embrionárias que garantam segurança de fazer experimento em uma pessoa.

DIÁRIO - As pesquisas no Brasil não ficarão defasadas caso os estudos com células-tronco embrionárias seja proibido?

LENISE - Não concordo. O Brasil é um dos países líderes nas pesquisas com células-tronco adultas. Somos um País que tem pouco dinheiro para pesquisa e não tem um corpo científico grande. Se as células adultas estão dando bons resultados, vamos investir nisso. ▲

